

## **CONSTRUÇÃO DA IMAGEM CORPORAL EM DEFICIENTES VISUAIS**

**Luciana F. G. Eiras<sup>1</sup>**  
**Bruna B. de Amorim<sup>2</sup>**  
**Nathalia M. do Carmo<sup>3</sup>**  
**Maitê M. Russo<sup>4</sup>**

**Resumo:** As pessoas com deficiência visual podem apresentar uma dificuldade na construção da imagem de seu corpo, uma vez que, a informação visual tem grande relevância neste processo. O objetivo desse trabalho é investigar a formação da imagem corporal em deficientes visuais, por meio de uma revisão de literatura. Essa revisão aborda estudos publicados entre os anos de 1998 e 2012, obtidos por buscas nas bases de dados eletrônicos PUBMED, PEDro, Cochrane, Eric, CINAHL, Sportdiscuss e Embase, que totalizaram 11 artigos. Os resultados apontam que os deficientes visuais são capazes de construir uma imagem corporal condizente com a realidade, quando existe os estímulos sensoriais do meio que os cercam, sendo as trocas interpessoais fundamentais nesse processo.

**Palavras Chaves:** Deficiência Visual. Corpo. Imagem corporal.

### *Construction Of Body Image In Visually Impairment*

**Abstract:** *The individuals with visual disability can present a difficulty in construction of his body image, since the visual information has a great relevance in this process. The purpose of this study is to investigate the formation of body image in visual impairment group, through a literature review. This review covers studies published between 1998 and 2012, obtained by searches of electronic databases PUBMED, PEDro, Cochrane, Eric, CINAHL, Sportdiscuss and Embase, totaling 11 articles. The results showed that visually impairment are able to construct a body image close to reality when exist the sensory stimulus. The interpersonal relations are fundamental in this process.*

**Key – words:** *Visually impairment. Body. Body image.*

## INTRODUÇÃO

A imagem corporal é a visão que o indivíduo tem de seu corpo. Ela é formada, estruturada e reproduzida, na mente do mesmo. É o conjunto de sensações construídas pelos sentidos (audição, visão, tato, paladar) (MATARUNA, 2004), sendo influenciável pelas dinâmicas interações entre o ser e o meio em que ele vive (ADAMI *et al.*, 2005). A imagem corporal é fundamental para as interações com o meio, como para a orientação espacial e mobilidade (Nasário e Ernest, 2011). Além disso, sua importância também pode ser notada nas relações sociais e afetivas, uma vez que, a imagem que o indivíduo tem de si e o seu sentimento com relação a esta imagem implica diretamente na maneira como o indivíduo vivenciará tais relações (Nasário e Ernest, 2011).

O estudo da imagem corporal é um assunto complexo que envolve aspectos fisiológicos, afetivos, cognitivos e sociais de forma integrada, tendo um olhar multidimensional para o ser humano. Atualmente pode-se encontrar pesquisas sobre o assunto nas áreas de neurologia, psicologia, sociologia, educação física, reabilitação, entre outras (TURTELLI, 2003).

Assim, entende-se por imagem corporal a figuração de nossos corpos formada em nossa mente, ou seja, o modo pelo qual o corpo se apresenta para nós (SILVA *et al.*, 2004). Tal figuração é construída a partir do corpo em contato com o ambiente, dentro da vivência individual e dinâmica de cada um (TAVARES, 2003). Diante dessas vivências, os órgãos sensoriais têm um papel fundamental para o reconhecimento e adaptação com o ambiente. Nesta perspectiva, a visão tem uma função privilegiada, pois é através dela que os indivíduos criam e desenvolvem grande parte das percepções sobre o ambiente que os cerca (INTERDONATO e GREGUOL, 2009). Entretanto, nas pessoas com deficiência visual, existe a perda desta informação sensorial importante para a construção da imagem corporal (FRANÇA e AZEVEDO, 2003). Este fato poderia levar a uma alteração, distorção ou empobrecimento da representação mental que o indivíduo constrói de seu corpo.

## FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

### Imagem Corporal

O desenvolvimento da imagem corporal é um contínuo e ocorre desde o nascimento do indivíduo até sua morte sendo importante para a interação do indivíduo com o meio e com a sociedade. É um processo estrutural complexo e subjetivo, que ao longo do tempo sofre modificações, sendo um processo de construção e reconstrução (MATARUNA, 2004).

Classicamente, a imagem corporal é definida como uma representação mental e interna de sua aparência física (PAIM e STREY, 2005), relacionada ao auto conceito e aos sentimentos corporais (ALMEIDA *et al*, 2002). Dois autores tiveram marcada importância para o desenvolvimento e aprimoramento desta definição: Paul Schilder e Seymour Fisher. Ambos consideram a imagem corporal como um fenômeno multifacetado, complexo e dinâmico, que leva em consideração um conceito amplo de corpo, formulado a partir da idéia de uma experiência psicológica, que incorpora as atitudes e sentimentos que cada indivíduo possui sobre seu próprio corpo (Ribeiro e Tavares, 2011). Contudo, é interessante ressaltar que o processo de construção da imagem corporal pode sofrer influências de gênero, meios de comunicação, cultura, entre outros aspectos (DAMASCENO e *et al*, 2005). Em seu trabalho, Slade (1994) também afirma que o processo de construção e reconstrução da imagem corporal pode sofrer influência de muitos fatores (figura 1).

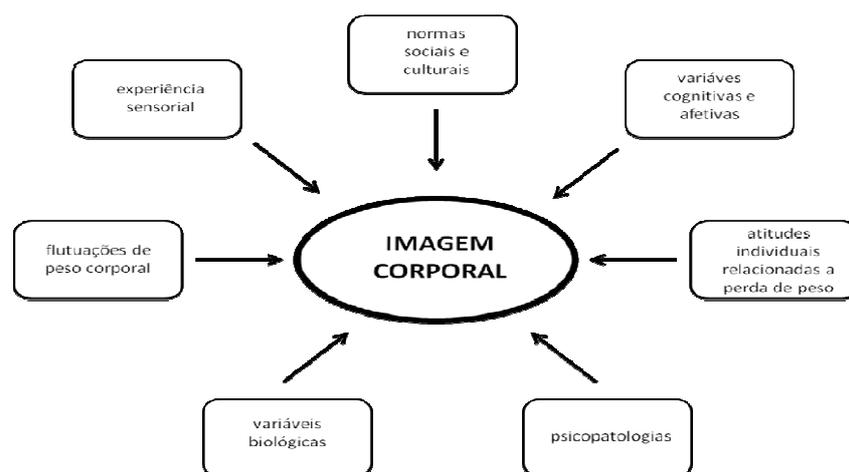


Figura 1 – Modelo dos fatores que influenciam o desenvolvimento e manifestação da imagem corporal proposto por Slade (1994).

Em sua proposta as informações sensoriais visual, tátil e cinestésica seriam as mais relevantes para a construção de uma representação interna sobre a forma, dimensão e aparência corporal (Slade, 1994). Contudo, trabalhos mais recentes têm mostrado que a informação vestibular também constitui uma informação importante na construção dessa representação (Lopez *et al*, 2012). Além disso, normas culturais e sociais como a cultura de mídia “do corpo magro e esbelto” cultuada atualmente pelo povo ocidental também teria impactos sobre a formação da imagem corporal (Slade, 1994). Outros fatores como o que o sujeito pensa e sente sobre suas características corporais (variáveis cognitivas e afetivas), histórico de mudança de peso, variáveis fisiológicas como alterações hormonais (variáveis biológicas) e doenças de cunho psíquico, também entrariam como fatores em potencial capazes de influenciar e modificar a imagem corporal (Slade, 1994). Adicionalmente, as relações sociais dos indivíduos também podem ser consideradas fatores de interferência na formação da imagem corporal, uma vez que, tais trocas interferem de maneira significativa na interpretação que o indivíduo faz de si mesmo (SECCHI *et al*, 2009).

Os trabalhos sobre imagem corporal foram e ainda são fortemente influenciados pela clínica médica. Modificações da imagem corporal têm sido observadas em distúrbios neurológicos, como na síndrome de negligência, onde uma parte do corpo é ignorada ou até mesmo não reconhecida pelo indivíduo; distúrbios fisiológicos, como na obesidade; e distúrbios psicológicos, como nas desordens alimentares anorexia e bulimia nervosa (Slade, 1994). Em todos os casos a qualidade de vida bem como as relações sociais do indivíduo podem ser drasticamente afetadas.

O caráter multifacetado da imagem corporal dificulta as pesquisas deste fenômeno. Embora as pesquisas sobre o tema tenham crescido assustadoramente nas últimas décadas, é preciso se ter em mente que os modelos de pesquisa existentes para avaliar este fenômeno trata-se de recortes e, portanto, não são capazes de avaliar como um todo tal complexidade (Ribeiro e Tavares, 2011).

A avaliação da imagem corporal pode ser realizada através de diversas abordagens. Estas incluem questionários, entrevistas, escalas, modelos de silhuetas e avaliação de variáveis antropométricas, que em geral são utilizadas de maneira complementar a outras abordagens (Morgado *et al*, 2009).

Dentre as abordagens acima citadas os questionários merecem destaque enquanto protocolo mais empregado em pesquisas para a avaliação da imagem corporal analisadas por Morgado *et al.*, (2009), totalizando 29%. Estão disponíveis na literatura muitos questionários para avaliação da imagem corporal. Tais questionários avaliam tanto o componente perceptual quanto o atitudinal, como preocupações e insatisfação corporal (*Body Shape Questionnaire*), sentimentos com relação ao corpo (*Body Attitudes Questionnaire*), comportamentos de evitação corporal (*Body Image Avoidance Questionnaire*), comportamentos de checagem corporal (*Body Checking Questionnaire*), bem como o investimento feito no corpo (*Body Investment Scale*) (para revisão ver Campana et al, 2009). A maioria dos questionários estão traduzidos e validados para o português.

Sabendo que a imagem corporal esta associada à percepção do indivíduo sobre o seu próprio corpo, e que esta percepção é formada através da interação deste corpo com o meio no qual ele está inserido, a ausência ou limitação de uma informação sensorial importante para a percepção do ambiente, pode ser um fator modificador ou limitador na estruturação da imagem corporal (ALVES e DUARTE, 2008).

Dada à importância que a imagem corporal tem e o papel da informação visual na construção da mesma, é relevante compreender qual a imagem que a população com deficiência visual tem de seu próprio corpo. Nesse contexto, este estudo tem como objetivo investigar a formação da imagem corporal em deficientes visuais (baixa visão e cegos) através de uma revisão de literatura.

## **METODOLOGIA**

Realizou-se pesquisa bibliográfica em bancos de dados de saúde (PUBMED, Scielo, PEDro, Cochrane, Eric, CINAHL, Sportdiscuss, Embase), utilizando palavras-chave em várias combinações (deficiência visual e imagem corporal; cegueira e percepção corporal; imagem do corpo e cegos, body image and blindness, body image and visual impairment). Priorizaram-se os artigos originais publicados no período de 1998 a 2012, em língua portuguesa e inglesa. Após pesquisa inicial, foram selecionados 11 artigos descrevendo a construção e avaliação da imagem corporal em pessoas com deficiência visual utilizando pesquisa de campo.

## RESULTADOS

### Imagem Corporal em Deficientes Visuais

A percepção adequada da imagem corporal é fundamental para que o indivíduo deficiente visual consiga se desenvolver de forma integral e viver de forma mais autônoma e confiante na sociedade. Diante disso, observa-se a importância de se analisar de que forma tal imagem é construída na ausência da visão, já que, a privação visual pode acarretar algumas complicações no desenvolvimento do indivíduo, por ser a base para grande parte do aprendizado ao longo da vida (OLIVEIRA e MARQUES, 2005). Estudos prévios sugeriram que a ausência da informação visual, levaria a um empobrecimento da imagem corporal (*apud* THOMAS *et al*, 2012).

Acredita-se que na ausência da visão, a audição, a propriocepção e o tato sejam modalidades sensoriais utilizadas na construção da imagem corporal, sendo a última, de suma importância por concretizar a existência de objetos e pessoas (SOARES, 2010).

Dessa forma, a relação de indivíduos desprovidos da visão com o meio em que vivem através dos sistemas sensoriais remanescentes torna-se extremamente importante para a formulação da imagem corporal, uma vez que, o estímulo visual é sim um fator limitante, mas não deve ser um inibidor da construção de tais imagens (TAVARES *et al.*, *sd*). Por isso, é fundamental a estimulação por parte de outras pessoas, incluindo os pais, através da utilização do diálogo verbal e do toque corporal para desenvolver o conhecimento sobre a imagem corporal nesses indivíduos (SANTOS, 1999).

Em consonância com as propostas descritas anteriormente, Kaplan-Myrth (2000) através de entrevistas com pessoas com deficiência visual constatou que as experiências táteis são de grande importância para a construção da imagem corporal nessa população. Da mesma forma, muito do aprendizado sobre o corpo e sobre o mundo, se concretiza através das descrições verbais fornecidas por pessoas com as quais eles convivem.

Diante do exposto, foram analisados 11 artigos que discutem a construção e percepção da imagem corporal na população com deficiência visual que serão apresentados abaixo.

Algumas contradições na literatura foram observadas. Uma descrição detalhada de cada trabalho que utilizou pesquisa de campo para investigar a imagem corporal em pessoas com deficiência corporal encontra-se na Tabela 1.

Uma corrente da literatura considera que a imagem corporal construída por deficientes visuais corresponde à realidade observável. De acordo com Interdonato e Greguol (2009), e França e Azevedo (2003), as pessoas com deficiência visual apresentaram uma fiel percepção de sua imagem corporal e um bom nível de satisfação com o seu corpo. Os resultados sugerem que esta imagem é construída através do relato de outras pessoas e pelo toque do próprio corpo, podendo ainda ser favorecida pela prática regular de atividade física. Em concordância com esta idéia, Ormelezi (2000) constatou que indivíduos com deficiência visual têm uma fiel percepção de seu corpo, sendo esta percepção formada através de experiências com o próprio corpo e com o corpo de outro indivíduo. Dessa forma, indivíduos que tiveram oportunidade de vivenciar amplamente tais experiências, possuem uma percepção mais adequada de seu corpo do que aqueles que não tiveram tais oportunidades. Este fato comprova a importância para essa população de se estimular as informações sensoriais remanescentes (BARROS, 2005).

Da mesma forma, Moraes (2006) verificou que os estímulos oferecidos pelo meio que cercam as pessoas com deficiência visual são importantes para a construção e reconstrução da imagem corporal nesta população. Dessa maneira, a relação desses indivíduos com o meio em que vivem, o contato direto com as pessoas e os objetos, bem como os estímulos sonoros, tornam-se extremamente importantes para a formulação da imagem corporal (TAVARES *et al*, sd).

No entanto, outra corrente considera que a construção da imagem corporal de pessoas com deficiência visual é distorcida, não correspondendo à realidade que pode ser observada. Por exemplo, Diehl (2007) constatou que indivíduos com deficiência visual possuem dificuldades em relação à percepção de seu corpo quanto aos aspectos físicos e motores. O desenvolvimento desta percepção só é possível a partir de informações dadas por outros indivíduos. Contudo, uma visão distorcida da realidade corporal ainda é encontrada nesta população.

MORGADO *et al* (2009), também afirma que os deficientes visuais possuem uma percepção do corpo que se diferencia da dos videntes, não conseguindo compreender suas diferentes dimensões. Este fato foi mais pronunciado em cegos congênitos.

**Tabela 1 - Descrição detalhada dos estudos de campo sobre imagem corporal em deficientes visuais**

<b>AUTOR</b>	<b>AMOSTRA</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>RESULTADOS</b>
<b>INTERDONATO, GREGUOL (2009)</b>	18 adolescentes com deficiência visual congênita, sem outras deficiências associadas, de ambos os gêneros (10 meninas e 8 meninos), com média de idade 12,27 de anos ( $\pm 2,13$ ), residentes na região metropolitana de Londrina – PR.	Verificar parâmetros da imagem corporal de indivíduos com deficiência visual praticantes de atividade física regular e sedentários.	Questionário semi-estruturado elaborado pelos autores com base nos modelos de França e Azevedo (2003) e Cooper et al, (1987)	Os adolescentes cegos apresentaram uma percepção fiel da sua imagem corporal, mostrando em geral um bom nível de satisfação sobre seus atributos. Quanto às competências motoras, os adolescentes fisicamente ativos demonstraram uma percepção corporal levemente mais positiva do que os sedentários.
<b>FRANÇA, AZEVEDO (2003)</b>	6 adolescentes, com idade entre 12 e 18 anos, 3 do gênero feminino e 3 do gênero masculino, com cegueira congênita, alunos da Fundação Jonathas Telles de Carvalho, em Feira de Santana.	Estudar como o adolescente com cegueira constrói sua imagem corporal e como lida com as manifestações da sexualidade.	Questionário com questões voltadas para auto-imagem, modificações corporais e manifestação da sexualidade.	Os participantes demonstraram possuir fiel percepção sobre sua aparência física, sendo construída a partir do relato de outras pessoas e pelo toque do próprio corpo. Em relação a sexualidade, observou-se que adolescente cegos possuem os mesmos anseios e desejos que seus pares videntes. A grande diferença está na maneira como a sociedade encara a sexualidade da pessoa com cegueira e não na maneira como o deficiente vivencia sua sexualidade.
<b>ORMELEZI (2000)</b>	5 adultos, entre 19 e 44 anos, cegos congênitos, sendo 2 do sexo masculino e 3 do sexo feminino.	Analisar os elementos que contribuem para a formação da imagem corporal do deficiente visual, suas representações mentais e seu conhecimento sobre o mundo.	Entrevista semi-estruturada	Verificou-se que os deficientes visuais entrevistados adquirem sua imagem corporal através de experiências através do próprio corpo e do corpo de outrem.
<b>MORAES (2006)</b>	Participantes de um grupo de teatro formado por deficientes visuais, com idades entre 10 e 16 anos, sendo 4 cegos e 5 com baixa visão.	Investigar o papel de atividades de teatro na construção da percepção corporal.	Entrevistas semi-estruturadas seguindo a proposta de Boumard (1999).	Observou-se que o envolvimento do sujeito com o espaço lúdico do teatro auxilia a reelaboração da imagem corporal, através de exercícios de

experimentação e adoção de posturas corporais inteiramente novas.				
<b>AUTOR</b>	<b>AMOSTRA</b>	<b>OBJETIVO</b>	<b>TIPO DE INTERVENÇÃO</b>	<b>RESULTADOS</b>
<b>DIEHL (2007)</b>	9 sujeitos com cegueira total e 2 com baixa visão, na faixa etária entre 19 e 45 anos, 2 do sexo feminino e 9 do sexo masculino, pertencentes à região metropolitana de Porto Alegre.	Investigar a percepção corporal em relação aos aspectos motores, sociais e emocionais dos deficientes visuais.	Entrevista semi-estruturada.	Foi observado que os indivíduos possuem dificuldade em relação à percepção de seu corpo quanto aos aspectos físicos e motores.
<b>MORGADO et al (2010)</b>	20 deficientes visuais congênitos, sendo 10 do sexo masculino, e 10 do sexo feminino, com idade entre 21 e 50 anos.	Verificar a satisfação dos deficientes visuais em relação a Imagem Corporal.	Escala de Silhuetas Bidimensionais (ESB) e entrevista semi-estruturada.	Foi constatado que os deficientes visuais congênitos não reconheceram as diferentes dimensões e formas corporais da Escala de Silhuetas Bidimensionais, indicando uma forma de percepção do corpo diferenciada da experienciada pelos videntes. Dessa forma não foi possível avaliar a satisfação corporal dos participantes deste estudo.
<b>FERREIRA, BAUMEL (2009)</b>	20 adultos, Deficientes Visuais Congênitos, de ambos os sexos, com idades que variaram de 22 a 52 anos.	Identificar e investigar, junto ao público com deficiência visual congênita, as representações sobre o corpo, diversidade, imagem corporal, auto-estima e vaidade.	Investigação de relatos autobiográficos.	Foi observado que o corpo não foi abordado por nenhum dos participantes da pesquisa como fonte de preocupação, fato este muitas vezes de difícil aceitação pelas pessoas videntes que estão mais sujeitas a pressões sociais de manutenção de um corpo perfeito.
<b>SOARES (2010)</b>	Mulher, 21 anos, estudante universitária de Porto Alegre. Possui baixa visão que iniciou aos 13 anos.	Identificar os fatores que constituem a construção da imagem corporal na mulher deficiente visual, analisando de que forma ela se relaciona com o meio, o papel da família e da escola na sua inserção e as atitudes e sentimentos que a mulher tem com o seu corpo.	Entrevistas semi-estruturadas, a cada 15 dias, totalizando 3 meses de coleta de informações.	Foi observado que a mulher deficiente sofre muitas das influências impostas pelo modelo ideal de beleza exigido pela sociedade as mulheres que enxergam. As cobranças sociais acontecem da mesma forma. Apesar de não de não estarem sujeitas ao estímulo visual da mídia em geral, os

comentários de seus grupos afetam sua relação com o seu corpo.

AUTOR	AMOSTRA	OBJETIVO	TIPO DE INTERVENÇÃO	RESULTADOS
<b>FERREIRA, MORGADO, FERREIRA (2008)</b>	16 indivíduos com deficiência congênita ou adquirida, com a média de idade de 45 anos, da Associação de Cegos da cidade de Juiz de Fora/ MG. 75% eram do sexo masculino, e 25% do feminino.	Verificar o nível de satisfação corporal do deficiente visual.	Questionário <i>Body Shape Questionnaire-BSQ</i> (Di Pietro, 2002), instrumento validado para o público vidente.	Foi constatado que as mulheres, em sua maioria, são mais insatisfeitas em relação ao seu corpo do que os homens. 84% dos participantes do sexo masculino, apresentaram nenhuma preocupação com a imagem corporal relacionada a sua aparência física e 16% apresentaram leve preocupação. 100% dos participantes do sexo feminino, apresentaram leve preocupação com a sua aparência corporal.
<b>ASHIKALI, DITTMAR (2010)</b>	21 cegas congênitas, 11 cegas tardias e 60 videntes	Examinar diferenças na satisfação corporal e restrição alimentar em mulheres cegas e videntes	Questionário <i>Body Shape Questionnaire-BSQ</i>	As mulheres cegas, independente do grupo, foram mais satisfeitas com o seu corpo e se submeteram menos a restrições alimentares do que as mulheres videntes
<b>BAKER et al (1998)</b>	20 cegas congênita, 20 cegas tardias e 20 videntes	Avaliar o impacto da mídia visual sobre a insatisfação corporal	Questionário <i>Body Shape Questionnaire-BSQ</i>	Videntes reportaram maior nível e insatisfação com o seu corpo que cegas tardias. Estas, no entanto, demonstraram-se mais insatisfeitas com o seu corpo do que cegas congênitas.

## DISCUSSÃO

Apesar das divergências existentes com relação à imagem corporal construída na deficiência visual corresponder ou não a realidade observável, todos os artigos analisados concordam que a formação desta percepção corporal depende das relações que estes indivíduos tem com o próprio corpo e com o meio que os cercam, sendo as informações sensoriais remanescentes e o relato verbal de outros pontos chaves nessa formação. Trabalhos anteriores já sugeriam esses processos como fundamentais para a formação de uma representação mental do corpo (KAPLAN-MYRTH, 2000).

De fato, a imagem corporal é construída através de experiências multisensorias e não somente visuais (SLADE, 1994). Diversos trabalhos estão disponíveis na literatura mostrando modificações funcionais no processamento das informações sensoriais em pessoas cegas (para revisão ver THEORET, 2004; MERABET e PASCUAL-LEONE 2010). Outros trabalhos relataram melhor desempenho de pessoas com deficiência visual quando comparados com indivíduos videntes em tarefas de discriminação tátil (GOLDREICH & KANICS, 2003) e auditiva (GOUGOUX *et al*, 2004; LESSARD *et al*, 1998; RODER *et al*, 1999; VOSS *et al*, 2004), apoiando a evidência da utilização de uma estratégia compensatória em pessoas com deficiência visual no que se refere a utilização das informações sensoriais restantes para interagir com o mundo. Este fato pode ajudar a explicar porque a maioria dos trabalhos não encontra uma alteração da imagem corporal em pessoas com deficiência visual, e chama a atenção para a importância de se estimular essas experiências sensoriais em pessoas com deficiência visual.

Além disso, outros aspectos além da experiência sensorial também influenciam a formação da imagem corporal, como variáveis biológicas, normas sociais e variáveis cognitivas e afetivas (SLADE, 1994). Dessa forma, um empobrecimento da imagem corporal não pode ser diretamente atribuído a ausência de uma modalidade sensorial.

Ao se pesquisar a importância das questões sociais sobre a formação da imagem corporal idéias divergentes também podem ser encontradas na literatura. Mulheres com deficiência visual congênita apresentaram-se mais satisfeitas com seu corpo que mulheres com deficiência visual tardia e videntes (ASHIKALI e DITTMAR, 2010; BAKER *et al*, 1998). Na mesma linha, Ferreira e Baumel (2009) constataram que pessoas com deficiência visual percebem e vivenciam o corpo de forma mais natural, fato este que sugere que esta população parece ser menos pressionada pelo modelo ideal

de corpo preestabelecido pela sociedade, como ocorre com os videntes. Adicionalmente constatou-se que pessoas com deficiência visual não possuem a mesma vaidade e curiosidade quanto ao seu corpo, como pode ser observado nos indivíduos que enxergam.

Contrapondo a idéia anteriormente apresentada, Soares (2010) verificou que apesar de não ter acesso ao estímulo visual midiático, a mulher com deficiência visual sofre as mesmas cobranças sociais para a busca de um corpo perfeito vivenciadas por mulheres videntes (SOARES, 2010), além de apresentar-se mais preocupadas com o corpo do que os homens (FERREIRA *et al*, 2008). Esta idéia pode ser confrontada ao se constatar que distúrbios alimentares decorrentes de uma alteração da imagem corporal são menos frequentes na população com deficiência visual (THOMAS *et al*, 2012).

Embora a maioria dos trabalhos não encontre alteração da imagem corporal na população com deficiência visual, é possível observar, ainda que raramente, distorções da imagem corporal neste público, como é o caso da anorexia nervosa. Um total de dez trabalhos estão disponíveis relatando o acometimento de pessoas com deficiência visual por esta desordem alimentar (THOMAS *et al*, 2012).

Alteração da imagem corporal em indivíduos com deficiência visual pode trazer consequências para a interação do indivíduo com o mundo que o cerca e para as relações sociais e afetivas vivenciadas por esse indivíduo. Nesse sentido, trabalhos corporais, atividades artísticas, terapia corporal e psicológica constituem recursos que podem auxiliar na construção e eventualmente no tratamento do desenvolvimento da imagem do corpo, re-significando suas sensações corporais e sua identidade corporal.

Infelizmente, uma comparação mais detalhada entre os resultados observados pelos estudos apresentados foi limitada pela subjetividade das formas de avaliação proposta pelos autores de cada trabalho no que se refere ao estudo da imagem corporal no grupo com deficiência, como pode ser observado na Tabela 1. A maioria dos trabalhos utilizou entrevistas semi-estruturadas para avaliar a imagem corporal, confirmando o largo emprego desta abordagem nos estudos que avaliam a imagem corporal (Morgado *et al*, 2009). Embora tal método possibilite a utilização de perguntas norteadoras conforme o interesse do pesquisador, e permita a obtenção de respostas que vão além de mensurações anátomo-fisiológicas, ou seja, respostas que revelem a história, a cultura, a corporeidade, entre outros aspectos psicológicos dos sujeitos pesquisados, permitindo uma maior profundidade na avaliação, a falta de detalhamento

sobre a condução das entrevistas e as perguntas norteadora das mesmas pela maioria dos trabalhos dificultou uma comparação mais aprofundada entre eles

O *Body Shape Questionnaire-BSQ* foi a segunda abordagem mais utilizada pelos estudos para se avaliar a imagem corporal nesta população. Segundo Cordás e Neves (1999), o BSQ mede as preocupações com a forma do corpo, auto-depreciação devido à aparência física e a sensação de estar gordo. Foi possível observar nas pesquisas que o utilizaram como ferramenta que pessoas com deficiência também reportam preocupação com o seu corpo, embora em menor grau quando comparadas a pessoas videntes. No entanto, não foram encontrados pela presente revisão questionários específicos para avaliação da imagem corporal na população desprovida da informação visual, que levassem em consideração suas peculiaridades na maneira de adquirir informação sobre e se relacionar com o mundo. Este fato sinaliza que os resultados apresentados pelos estudos devem ser avaliados com cautela, uma vez que, a não validação de instrumentos que considerem as diferentes maneiras de interagir com o mundo do público em questão podem mascarar algum resultado ou mesmo levar a interpretações errôneas. Por exemplo, uma avaliação descompromissada dos resultados encontrados Morgado e Ferreira, (2010a) poderiam levar a interpretação de que cegos congênitos possuem uma grande insatisfação corporal, quando na verdade, através de um olhar mais profundo e de questionamentos adicionais propostos pelos autores foi possível compreender que os cegos não reconheceram os desenhos de corpo em relevo presentes na Escala de Silhuetas Bidimensionais e, portanto, esta não é aplicável como instrumento de avaliação da insatisfação corporal neste público. Em um trabalho pioneiro, Morgado e Ferreira (2011) sugeriram a adaptação da Escala de Silhuetas Bidimensionais para três dimensões, chamada Escala de Silhuetas Tridimensionais, buscando favorecer o processo de exploração e reconhecimento tátil das pessoas com deficiência visual e permitindo dessa forma, uma avaliação mais fidedigna de sua insatisfação corporal. A eficiência desta adaptação já foi demonstrada, uma vez que, cegos congênitos foram capazes de reconhecer as diferentes dimensões corporais apresentadas na Escala de Silhuetas Tridimensionais (Morgado e Ferreira, 2010b), tornando possível a realização de estudos que investiguem a satisfação corporal neste público. Nesse sentido, esta revisão salienta para a necessidade de mais estudos que se proponham a investigar a construção da imagem corporal em pessoas com deficiência visual utilizando instrumentos de avaliação que levem em consideração as peculiaridades dessa população.

## CONCLUSÃO

Os estudos analisados mostraram que existem divergências na literatura com relação à construção da imagem corporal em pessoas com deficiência visual. No entanto, parece ser um consenso que a construção desta percepção corporal ocorre através das experiências pessoais com o próprio corpo e com o meio que as cerca utilizando diferentes informações sensoriais como tato e audição. Da mesma forma, as relações interpessoais são um fator determinante para a construção de tal processo.

Acredita-se que a percepção adequada da imagem corporal em pessoas com deficiência visual contribua para o desenvolvimento motor, afetivo-emocional, e cognitivo dos mesmos, condição fundamental para integrar esses indivíduos de forma efetiva na sociedade. Apesar da quantidade de trabalhos que se destinaram a investigar o tema, a comparação entre os estudos é limitada por questões metodológicas e algumas questões continuam em aberto. Nesse sentido, sugere-se que novos estudos sejam realizados com o objetivo de estudar a construção da imagem corporal nesta população, utilizando questionários validados na literatura para este fim. Além disso, sugere-se a criação de instrumentos que sejam capazes de avaliar a imagem corporal levando-se em consideração as peculiaridades dessa população. Dessa forma, profissionais e pais conseguirão cada vez mais compreender como esses indivíduos se julgam e se percebem, podendo atuar de maneira a contribuir ainda mais com esse processo.

## REFERÊNCIAS

ADAMI F.; FERNANDES, T. C.; FRAINER, D. E. S.; OLIVEIRA F. R. Aspectos da construção e desenvolvimento da imagem corporal e implicações na Educação Física. *EFDEPORTES*, Buenos Aires, ano 10, n. 83, abr. 2005. Disponível em: <<http://www.efdeportes.com/efd83/imagem.htm>>, Acesso em 10 out. 2010.

ALMEIDA, G. A. N.; LOUREIRO, S.R.; SANTOS, J.E. A imagem corporal de mulheres morbidamente obesas avaliada através do desenho da figura humana. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, Porto Alegre, v. 15, n. 2, p. 283-292, Nov. 2002.

ALVES, M. L. T.; DUARTE, E. Imagem corporal e deficiência visual: um estudo bibliográfico das relações entre cegueira e o desenvolvimento da imagem corporal. *Acta Scientiarum Human and Social Sciences*, Paraná, v. 30, n. 2, p. 147-154, Mar. 2008.

BARROS, D. D. Imagem corporal: a descoberta de si mesmo. *Histórias, Ciências, Saúde - Manguinhos*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 2, p. 547-554, Mai/Ago. 2005.

CORDÁS, T. A.; NEVES, J. E. P. Escalas de avaliação de transtornos alimentares. *Rev Psiq Clín*, São Paulo, v. 26, n. 1, Jan/Fev. 1999.

DAMASCENO, V. O.; LIMA, J. R. P.; VIANNA, J. N.; VIANNA, V. R. A.; NOVAES, J. S. Tipo físico ideal e satisfação com a imagem corporal de praticantes de caminhada. *Revista Brasileira de Medicina do Esporte*, Rio de Janeiro, v. 11, n. 3, p. 181-186, Mai/Jun. 2005.

DIEHL, R. M. Imagem corporal: corporeidade da pessoa com deficiência visual. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE E CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIAS DO ESPORTE, 15 e 2., 2007, Pernambuco. *Anais...* Pernambuco, 2007. p. 1-8.

FERREIRA, C. S. C.; MORGADO, F. F. R.; FERREIRA, M. E. C. Avaliação da satisfação corporal do sujeito com deficiência visual. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE IMAGEM CORPORAL E CONGRESSO BRASILEIRO DE IMAGEM CORPORAL, 1., 2010, São Paulo. *Anais...* São Paulo, 2010.

FERREIRA, M. E. C.; BAUMEL, R. C. R. C. Narrativas autobiográficas de deficientes visuais congênitos. *Revista "Educação Especial"*, Santa Maria, v. 22, n. 35, p. 351-362, Set./Dez. 2009.

FRANÇA, D. N. O.; AZEVEDO, E. E. S. Imagem corporal e sexualidade de adolescentes com cegueira, alunos de uma escola pública especial em Feira de Santana, Bahia. *Revista de Ciências Médicas e Biológicas*, Salvador, v. 2, n. 2, p. 176-184, Jul./Dez. 2003.

INTERDONATO C. G.; GREGUOL, M. Auto-análise da imagem corporal de adolescentes com deficiência visual sedentários e fisicamente ativos. *Conexões: Revista da Faculdade de Educação Física da UNICAMP*, Campinas, v. 7, n. 3, p. 1-13, Set./Dez. 2009.

LOPEZ, C.; SCHREYER, H.; PREUSS, N.; MAST, F. W. Vestibular stimulation modifies the body schema. *Neuropsychologia*, Oxford, v. 50, p. 1830-1837, Abr. 2012.

MATARUNA, L. Imagem Corporal: noções e definições. *EFDEPORTES*, Buenos Aires, ano 10, n. 71, abr. 2004. Disponível em < <http://www.efdeportes.com/efd71/imagem.htm> >, Acesso em 10 out. 2010.

MERABET, L.B.; PASCUAL-LEONE, A. Neural reorganization following sensory loss: the opportunity of change. *Nat Rev Neurosci*, London, v.11, n.1, p.44-52, Nov. 2010.

MORAES, M. Ver e não ver: sobre o corpo como suporte da percepção entre jovens deficientes visuais. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, v. 12, n. 33, p. 15-20, Abr. 2006.

MORGADO, F. F. R. *et al.* Imagem corporal do deficiente visual: Um estudo de Revisão. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO E SEMINÁRIO

INTERNACIONAL DE REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, SUBJETIVIDADES E EDUCAÇÃO, 10 e 1, 2011, Curitiba. Anais...Curitiba, 2001. p. 260-274.

MORGADO, F. F. R.; FERREIRA, M. E. C.; ANDRADE, M. R. M.; SEGHE TO, K. J. Análise dos Instrumentos de Avaliação da Imagem Corporal. *Fit Perf J*, Rio de Janeiro, v. 8, n. 3, p. 204-11, Mai/Jun. 2009.

MORGADO, F. F. R.; FERREIRA, M. E. C.. Escala De Silhuetas bidimensionais: Uma investigação acerca de sua aplicabilidade ao cego congênito. *Rev. Bras. Cienc. Esporte*, Campinas, v. 31, n. 2, p. 61-73, Jan. 2010a.

MORGADO, F. F. R.; FERREIRA, M. E. C. Análise exploratória das escalas de silhuetas bidimensionais e tridimensionais adaptadas para a pessoa com cegueira. *Rev. Bras. Ed. Esp*, Marília, v.16, n.1, p. 47-64, Jan/Abr. 2010b.

MORGADO, F. F. R.; FERREIRA, M. E. C. Adaptação de escalas de silhuetas bidimensionais e tridimensionais para o deficiente visual. *Rev. Bras. Ed. Esp*, Marília, v.17, n.1, p. 21-36, Jan/Abr. 2011.

OLIVEIRA, J. P.; MARQUES, S. L. Análise da comunicação verbal e não verbal de crianças com deficiência visual durante interação com a mãe. *Revista Brasileira de "Educação Especial"*, Marília, v. 11, n. 3, p. 409-428, Set/Dez. 2005.

ORMELEZI, E. M. *Os Caminhos da aquisição do conhecimento e a cegueira: do universo do corpo ao universo simbólico*. 2000. 272 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia e Educação), Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

RIBEIRO, P. R. L.; TAVARES, M. C. F. As contribuições de Seymour Fisher para os estudos em imagem corporal. *Motricidade*, Santa Maria da Feira, v. 7, n. 4, p. 83-95, Set. 2011.

SANTOS, A. O cego, o espaço, o corpo e o movimento: uma questão de orientação e mobilidade. *Revista Benjamin Constant*, Rio de Janeiro, Ano 5, n.11, p. 9-11, Mar. 1998.

SECCHI, K.; CAMARGO, B.; BERTOUDO, R. B. Percepção da imagem corporal e representações sociais do corpo. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, Brasília, V. 25, N. 2, P. 229-236, Abr/Jun. 2009.

SILVA, R. F.; JUNIOR, R. V.; MILLER, J. Imagem corporal na perspectiva de Paul Schilder. Contribuições para trabalhos corporais nas áreas de educação física, dança e pedagogia. *EFDEPORTES*, Buenos Aires, ano 10, n. 68, 2004. Disponível em <<http://www.efdeportes.com/efd68/schilder.htm>>, Acesso em 10 out. 2010.

SOARES, L. S. A construção da imagem corporal da mulher deficiente visual. Monografia (especialização em Arte, Corpo e Educação), Porto Alegre, UFRGS, 2010. 58 f.

TAVARES, M. C. G. C. Imagem corporal: conceito e desenvolvimento. Barueri, São Paulo: Manole, 2003.

TURTELLI, S. L. Relações entre imagem corporal e qualidades de movimento: uma reflexão a partir de uma pesquisa bibliográfica. 2003. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas.

<p>Contatos das Autoras:</p> <p>"Luciana F. G. Eiras" <a href="mailto:lugarconi@bol.com.br">lugarconi@bol.com.br</a></p> <p>"Maitê M. R. de Souza" <a href="mailto:maite.russo@hotmail.com">maite.russo@hotmail.com</a></p>	<p>Data de Submissão:</p> <p>08/02/2012</p> <p>Data de Aprovação:</p> <p>12/09/2012</p>
---	---